



 <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v13.1057>

Negacionismo científico e tecnologias algorítmicas em tempos pandêmicos: uma etnografia das narrativas bolsonaristas em grupos de *WhatsApp*

Scientific denialism and algorithmic technologies in pandemic times: an ethnography of bolsonarist narratives in WhatsApp groups

*Felipe Lazzari da Silveira*¹

*Pablo Ornelas Rosa*²

*Akaton Toczec Souza*³

Resumo

O artigo apresentado resulta de uma pesquisa etnográfica realizada mediante observação participativa em três grupos de *WhatsApp* bolsonaristas, em que foram examinados os conteúdos das conversas e outros tipos de publicações neles compartilhados visando promover o engajamento político daqueles que se reconhecem como conservadores, sobretudo, pelo presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, e pelo polemista e autointitulado filósofo, Olavo de Carvalho. O objetivo desta investigação consistiu em identificar: 1) o alinhamento das narrativas negacionistas da pandemia de Covid-19 e das medidas sanitárias destinadas ao seu controle com os discursos que vêm sendo manejados para garantir apoio e estabilidade ao governo Bolsonaro; e 2) evidenciar a chamada guerra cultural como dispositivo de desinformação que atua como máquina de guerra a partir do uso do *WhatsApp*, apresentado como máquina técnica.

Palavras-chave: Bolsonarismo. Extrema-direita. Negacionismo. Covid-19. Algoritmos.

¹ Doutor e Mestre em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS); Professor do Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos e do Curso de Direito da Universidade Católica de Pelotas (UCPel); Advogado. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2738-6914>; E-mail: felipe.silveira@ucpel.edu.br.

² Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Professor dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia Política e em Segurança Pública na Universidade de Vila Velha (UVV) e do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Criadé (UniVC). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9075-3895>. E-mail: pablorosa13@gmail.com.

³ Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); Doutorando em Direito pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); Professor do Curso de Direito do Centro Universitário Santa Amélia (UNISECAL); Advogado. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6946-6242>. E-mail: aknatontoczek@gmail.com.

Abstract

The article presented results from an ethnographic research carried out through participatory observation in three groups of WhatsApp of Bolsonaro supporters, in which the contents of the conversations and other types of publications shared in them were examined in order to promote the political engagement of those who recognize themselves as conservatives, especially by the president from Brazil, Jair Bolsonaro, and by the polemicist and self-styled philosopher, Olavo de Carvalho. The objective of this investigation was to identify: 1) the alignment of the negative narratives of the Covid-19 pandemic and the sanitary measures aimed at its control with the speeches that have been managed to guarantee support and stability to the Bolsonaro government; and 2) to highlight the so-called cultural war as a device of disinformation that acts as a war machine from the use of WhatsApp, presented as a technical machine.

Keywords: Bolsonarism. Far-Right. Negationismo. Covid-19. Algorithms.

Introdução: Apontamentos iniciais sobre a pandemia de Covid-19

Logo nos primeiros meses de 2020, o mundo foi acometido pela pandemia de Covid-19, enfermidade provocada pelo novo coronavírus (2019-nCoV), que foi detectado primeiramente no final de 2019 na província chinesa de Wuhan. Ao decretar o estado de pandemia em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) demonstrou preocupação com o efeito do novo vírus sobre os sistemas de saúde dos países, considerando que, por força da velocidade da contaminação e também pela quantidade de casos graves, grande parte deles não teria condições de suportar a demanda por atendimento médico, o que poderia acentuar a mortalidade provocada pela infecção.

Desde o início, enquanto praticamente todos os países buscavam seguir as recomendações da OMS, esmerando-se em testar a população, promover o distanciamento social e as medidas de higiene destinadas a conter a contaminação pelo novo coronavírus, o governo brasileiro atuou no sentido contrário. O presidente Jair Messias Bolsonaro, o maior expoente da extrema-direita da América Latina, negligenciou a seriedade do problema.

Demonstrando mais preocupação com a economia do que com a vida (como se ambas não estivessem entrelaçadas), ele adotou uma postura negacionista, chegando a comparar a Covid-19 a uma “gripezinha”, estimulando aglomerações, recomendando que as pessoas praticassem no máximo o “isolamento vertical” e que fizessem um tratamento preventivo baseado na ingestão de cloroquina e

ivermectina, medidas que, pela ineficácia e pelos perigos da automedicação⁴, foram criticadas pela comunidade científica⁵. Por último, passado quase um ano desde o início da pandemia, Bolsonaro passou a dificultar a aquisição da vacina que, frente ao potencial imunizante, tornou-se o produto mais desejado e disputado pelos governos na virada para 2021. O resultado não poderia ser outro: em junho deste mesmo ano, o Brasil ultrapassou a marca de 450 mil mortos em decorrência de Covid-19.

A ameaça global provocada pela emergência de um vírus capaz de se espalhar por todo o planeta era algo presente não apenas em filmes e séries de ficção científica, mas também em estudos produzidos por diversos pesquisadores, a exemplo de Stefan Cunha Ujvari, médico infectologista do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, em São Paulo, e professor da disciplina de emergência médica da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, que em 2011 publicou o livro “Pandemia: A humanidade em risco” (Ujvari, 2011).

Nesse escrito, o autor evidenciou a trajetória da epidemia da Síndrome Respiratória Aguda Severa – SARS, ocorrida na China em 2003. Segundo Ujvari (2011), ela teria iniciado no interior do sudeste asiático, quando um mamífero de pequeno porte, o civeta (*Paradoxurus Hermaphroditus*), passou a ser caçado, confinado em gaiolas superlotadas e a ter sua carne exposta em mercados públicos a partir da década de 1980, época em que se difundiu a culinária que utilizava a sua carne. De acordo com o professor, “tudo isso contribuiu para enfraquecer as defesas dos civetas capturados, e um novo vírus que circulava nesses animais depauperados se multiplicou sem freios” (Ujvari, 2011, p. 08-09). Para Ujvari (2011), é bastante provável que esse vírus mutante tenha se proliferado desde a segunda metade de 2002, sobretudo na cidade de Guangdong, no sudeste da China, passando a infectar as células humanas e a provocar uma nova doença: a SARS. Como esse vírus circulava no sangue dos animais, passando a ser eliminado em grandes quantidades por meio de suas fezes e secreções, não tardaria em atingir os seres humanos.

Diante disso, evidenciava-se que o vírus mencionado repousava nos fluídos dispersos no solo, tendo contato com a pele dos trabalhadores que, ao levar as mãos aos olhos, nariz e boca, se contaminavam e, posteriormente, desenvolviam quadros

⁴ Cf. Pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro (24/03/2020). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vl_DYb-XaAE>; Acesso no dia 18/01/2021.

⁵ Cf. Cloroquina e hidroxicloroquina no tratamento da COVID-19. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uBhyIkmS8yo>>; Acesso no dia 18/01/2021.

leves ou graves de doenças respiratórias, bem como transmitiam o vírus para outras pessoas. Em síntese, como mencionou Ujvari (2011, p. 10), o vírus buscou sobreviver também através do homem, o que deu início a uma epidemia de SARS que matou 10% dos contaminados e quase se globalizou.

Mesmo diante desse quadro, o governo chinês não divulgou nenhum alerta às agências internacionais. Por meio de fontes esparsas, a OMS recebia apenas rumores acerca do que ocorria no sudeste daquele país. Também é importante ressaltar, conforme mencionou Ujvari (2011), que os relatórios elaborados pelos médicos chineses eram repassados na condição de segredo de Estado somente para o alto escalão do governo chinês, bem como para os líderes do partido comunista, chefes de departamentos de saúde e diretores de hospitais. As restrições sobre as informações visaram evitar problemas diplomáticos e econômicos.

Foi somente em 11 de fevereiro de 2003, que o governo chinês relatou oficialmente a epidemia de Guangdong à OMS, todavia, escondeu inúmeros detalhes. Pouco tempo depois, o Ministério da Saúde da China informou que o problema havia sido resolvido, porém, a SARS avançava como toda epidemia e em seu caminho estava a cidade internacional de Hong Kong (Ujvari, 2011, p. 12). Com a chegada em Hong Kong, a disseminação da primeira versão da SARS para outras cidades e países não tardou a acontecer, entretanto, com o engajamento da comunidade científica internacional e de autoridades, a epidemia restou controlada.

É curioso que, ainda em 2011, Ujvari (2011) já chamava a atenção para os riscos do surgimento de uma nova epidemia semelhante à SARS. Em seu livro, ele asseverou que:

Uma nova epidemia semelhante à SARS pode estourar a qualquer momento, com a mesma disseminação e letalidade. Entretanto, o novo vírus pode se comportar de maneira bem diferente do primeiro. Vários tipos de vírus semelhantes ao da SARS estão presentes nos morcegos, o que levaria a um tipo de contágio diferente. Se o doente eliminar o vírus logo no início da doença, como a gripe suína, a disseminação da epidemia será bem maior, e caso a letalidade seja a mesma (10%), o número de mortes será bem mais assustador do que em 2003. A próxima pandemia poderá ser mais devastadora e a maneira como surgirá é imprevisível. Uma coisa é certa: vírus semelhantes ao da SARS estão por aí, nos morcegos, em qualquer lugar do planeta, aguardando a oportunidade de encontrar uma ponte para atingir o homem. Os fatos de 2003 podem se repetir, resta saber quando, onde, qual o poder de disseminação do vírus novo e sua letalidade (Ujvari, 2011, p. 23).

É possível constatar enormes semelhanças entre os contextos do aparecimento da epidemia de SARS em Guangdong, em 2003, e do novo coronavírus na cidade de

Wuhan, também na China, no final de 2019. Contudo, com o surgimento do novo coronavírus e da doença provocada por ele em nível pandêmico, surgiram inúmeras narrativas acerca das suas origens e das recomendações feitas pela OMS e por outros órgãos relacionados à saúde, a maioria delas baseadas em visões político-ideológicas e não em elementos médico-científicos. Sem dúvidas, o desconhecimento sobre esse vírus (que pegou o mundo de surpresa, em grande medida porque a China deixou de compartilhar informações sobre a epidemia com a comunidade internacional) e o cenário político conturbado em nível internacional abriram espaço para a criação de inúmeras narrativas negacionistas, apoiadas em teorias conspiratórias e em *fake news* que vieram a prejudicar o controle da pandemia.

Nota-se que, para justificar os argumentos negacionistas contrários às recomendações da OMS, o governo Bolsonaro, assim como os de outros países que seguiram na mesma linha, a exemplo dos Estados Unidos capitaneado por Donald Trump, precisou construir elementos discursivos passíveis de ser difundidos no ciberespaço e de contarem com a adesão de uma considerável parcela da população. Também foi necessário (re)estabelecer a figura de um inimigo comum que deveria ser combatido para além da Covid-19, o que foi feito através do manejo de teorias conspiratórias por meio daquilo que no Brasil do século XXI passou a ser chamado pelos grupos bolsonaristas⁶ de *guerra cultural*. Segundo Olavo de Carvalho (2018), conhecido como guru ou Rasputin do presidente Bolsonaro (Rosa, 2019; Carvalho; Bugalho, 2020), a dita *guerra cultural* seria o principal instrumento para combater o “globalismo” e o “comunismo” que há muito tempo estariam ameaçando às soberanias nacionais. No caso do Brasil, é importante destacar que as plataformas virtuais e muitos dos argumentos que embalariam a aventura negacionista contra os inimigos (ou melhor, contra qualquer um que não apoiasse Bolsonaro) já estavam disponíveis desde as eleições de 2018⁷.

Diante disso, o objetivo desta pesquisa etnográfica realizada em grupos de *WhatsApp* é justamente analisar as narrativas e discursos que neles são produzidos e compartilhados a partir do entendimento das chamadas *guerra cultural*. Visando compreender aquilo que parte dos grupos bolsonaristas passaram a chamar de guerra cultural, principalmente a partir da influência dos textos e vídeos de Olavo de Carvalho, acabamos por adotar como princípio metodológico norteador da pesquisa o perspectivismo inaugurado por Nietzsche (2009), aplicando-o em uma abordagem genealógica, com desdobramentos nas análises de

⁶ Neste texto será usada a expressão “bolsonaristas” por se tratar de uma categoria nativa usada pela grande parte daqueles que se reconhecem como apoiadores do presidente Jair Messias Bolsonaro, não apenas nas manifestações de rua, mas também no ciberespaço.

⁷ Como se sabe hoje, as teorias da conspiração e as *fake news* disseminadas por meio das tecnologias algorítmicas online, sempre destinadas a fomentar o medo e o ódio, bem como a destruir reputações, foram dispositivos decisivos para o resultado das eleições presidenciais de 2018 (Cf. Pinheiro-Machado; Freixo, 2019; Mello, 2020).

Foucault (2010).

Desse modo, passamos a acompanhar pelo menos dez grupos de *WhatsApp* bolsonaristas a partir da utilização do método etnográfico aplicado na interação virtualizada mediada por essa plataforma digital, visando compreender de que forma se articulam e como sustentam suas afirmações geralmente amparadas por teorias conspiratórias e negacionismos científicos utilizados na busca pela construção de um novo regime de verdade, orientado por uma nova linguagem que, por mais precários que os seus conceitos e falaciosos os seus argumentos sejam, passam a ter efeito de verdade. Assim, para que a pesquisa pudesse ser realizada, foi necessário que participássemos destes grupos, interagindo com eles e colhendo matérias resultantes de suas postagens, assim como foi possível problematizarmos diversas questões que serão expostas no texto apresentado.

A nossa atuação como pesquisadores nestes grupos de *WhatsApp* bolsonaristas se deu inicialmente em janeiro de 2020 através de convites que passamos a receber por meio de perfis de pessoas que atuavam politicamente na plataforma digital chamada Instagram, que recorrentemente convidavam os seus seguidores para participarem desses espaços bolsonaristas e/ou conservadores. Ingressando em um destes grupos, novos convites para participarmos de outros demais espaços bolsonaristas começaram a surgir incessantemente, fazendo-nos aceitá-los e permitindo-nos uma pesquisa um pouco mais apurada acerca dos conteúdos difundidos nestes espaços. Portanto, trata-se também de uma pesquisa etnográfica, ainda que não tenha sido realizada por meio da interação face a face, mas por meio da plataforma digital *WhatsApp*.

Genealogia, subjetivação e a guerra cultural

Em seu curso realizado no *Cóllege de France* em 1976, intitulado *Em defesa da sociedade*, Foucault (2010) apresentou uma análise sobre a verdade a partir das premissas presentes no livro *Genealogia da Moral*, de Nietzsche (2009). Naquele momento, Foucault (2010) situava a importância da dimensão agonística no entendimento acerca da produção da verdade que, segundo ele, resultaria da disputa de forças que reivindicavam para si tal condição. Nesse sentido, o autor sustentou que a genealogia - método trazido por ele a partir de Nietzsche (2009) para tratar das relações entre saber e poder - presumiria não a existência de uma verdade única e universal que deveria ser encontrada na história, mas sim que a verdade resultaria de um campo de forças. Em síntese: a verdade seria criada a partir das relações de poder.

Assim, ao se opor ao modelo científico tradicional, procurando fugir dos empirismos e positivismos em suas mais distintas dimensões, Foucault não se preocupava em encontrar uma unidade abstrata, uma teoria universal que conseguisse filtrar os saberes através de uma ordenação do conhecimento verdadeiro. Por isso que, diante dos padrões que fixam o que é “científico” aos olhos da academia prevalente, certa vez preferiu declarar que fazia “anticiências” (Lemos, 2019, p. 37).

As genealogias são, muito exatamente, anticiências. Não que elas reivindicuem o direito lírico a ignorância e ao não-saber, não que se tratasse da recusa de saber ou do por em jogo, do por em destaque os prestígios de uma experiência imediata, ainda não captada pelo saber. Não é disso que se trata. Trata-se da insurreição dos saberes. Não tanto contra os conteúdos, os métodos ou os conceitos de uma ciência, mas de urna insurreição sobretudo e acima de tudo contra os efeitos centralizadores de poder que são vinculados a instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa. E se essa institucionalização do discurso científico toma corpo numa universidade ou, de um modo geral, num aparelho pedagógico, se essa institucionalização dos discursos científicos toma corpo numa rede teórico- comercial como a psicanálise, ou num aparelho político, com todas as suas aferências, como no caso do marxismo, no fundo pouco importa. É exatamente contra os efeitos de poder próprios de um discurso considerado científico que a genealogia deve travar combate (Foucault, 2010, p. 10).

Essa busca pelos “saberes sujeitados”, entendido por Foucault (2010 p. 08) tanto como “conteúdos históricos que foram sepultados, massacrados em coerências funcionais ou sistematizações formais”, quanto como “uma série de saberes que estavam desqualificados como saberes não conceituais, como saberes insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível do conhecimento ou da cientificidade requeridos”, permitiu com que mentiras, especulações, meras hipóteses ou suposições sem evidências factuais pudessem incorrer na possibilidade de disputar suas narrativas como verdade nesse campo agonístico.

Embora não fosse essa a perspectiva apresentada por Foucault ao discorrer sobre a verdade a partir da abordagem genealógica nietzschiana, o uso tomado por meio de suas análises através de uma interpretação amparada na flexibilização da verdade objetiva permitiu com que emergissem discursos falaciosos disputando tal condição, conforme mostrou Kakutani ao evidenciar os métodos empregados por Putin na Rússia sob a influência de Vladislav Surkov, “um ex-diretor de teatro pós-moderno que já foi descrito como o ‘Rasputin de Putin’, o especialista do Kremlin em manipular a opinião pública com o uso da propaganda” (Kakutani, 2018, p. 169). Segundo a autora, Surkov não apenas “usou argumentos que repudiavam a existência da verdade objetiva” (Kakutani, 2018, p. 183), como compreendeu que todas as narrativas são acidentais e todos os políticos são mentirosos, portanto, os fatos alternativos apresentados pelo Kremlin (e por Donald Trump) são tão válidos como os de qualquer pessoa (Kakutani, 2018, p. 184).

Para Kakutani (2018), Surkov utilizava uma arte performática para criar tramas confusas, confundindo ficção e realidade sem critérios. Repudiando também uma “verdade objetiva”, o mentor russo considera que a hipocrisia é “inevitável”, eis que esconder intenções é ferramenta fundamental de sobrevivência, inclusive biológica (Kakutani, 2018, p. 183). Assim, essa desqualificação ou mesmo embaralhamento da verdade construída pelo governo Putin, através do questionamento dos fatos evidenciados pela comunidade científica ou pelos jornais, para além da interpretação, parece ter influenciado outros governos como o de Donald Trump, nos EUA, a partir

de 2016, e de Bolsonaro, no Brasil, a partir de 2018, permitindo com que esse tipo de prática política fosse utilizada recorrentemente por governos que se reconhecem como democracias liberais, embora estejam utilizando as estratégias propagandistas semelhantes aos de certos regimes totalitários.

Esse tipo de crítica tresloucada à ciência e, sobretudo, a Foucault, pode ser encontrado no trecho abaixo, extraído do livro de Olavo de Carvalho (2015), intitulado *O jardim das aflições*, em que o autor apresenta um entendimento bastante frágil sobre o saber científico e suas implicações, possibilitando a emergência do negacionismo científico que será evidenciado na negação dos impactos apresentados pela OMS acerca do Covid-19, servindo de justificativa para que o governo brasileiro passe a construir e difundir sua própria narrativa, independente dos efeitos na saúde pública do país:

Dado esse estado de coisas, não é de espantar que, logo a seguir, os fracassos de uma ciência assim degradada viessem a ser tomados como argumentos contra a possibilidade mesma de qualquer conhecimento científico universalmente válido, como se essa ciência fosse a única possível, como se ela não estivesse, de fato, muito abaixo das possibilidades contidas no próprio conceito de “ciência”. Quando Thomas S. Kuhn e Michel Foucault enfim reduziram a história das ciências à sucessão mais ou menos arbitrária de “paradigmas”, *epistemes* ou pré-esquemas cognitivos semiconscientes que entram e saem de cena por motivos geralmente irracionais, eles abalaram não somente a confiança nas ciências existentes, mas no ideal mesmo de ciência, cujo prestígio elas tinham simplesmente usurpado (Carvalho, 2015, p. 141).

Desse modo, é possível compreender como a crítica foucaultiana à ciência e a verdade universal decorrente da genealogia nietzschiana que questiona a possibilidade de uma “história da verdade” a partir de um posicionamento acerca da busca por uma “história efetiva”, passou a ser utilizada na justificativa da flexibilização da verdade como possibilidade de um novo regime ontológico e até mesmo epistemológico, que permite a mobilização de *fake news* na construção de uma autoverdade, usada como estratégia nesse campo agonístico que presenciamos no tempo presente para lidar com questões que envolvem a Covid-19.

O que é possível compreender com a emergência de discursos que disputam a condição de verdade, mesmo quando apoiados em mentiras, é que a internet se tornou um lugar em que é possível encontrar quaisquer afirmações, por mais improváveis que sejam, bem como informações que reiterem quaisquer possibilidades de verdade a partir daquilo que o sujeito toma como veracidade para si. Todavia, embora tenha argumentado que a “arqueologia seria o método próprio da análise das discursividades locais, e a genealogia, a tática que faz intervir, a partir dessas discursividades locais assim descritas, os saberes dessujeitados que daí desprendem” (Foucault, 2010, p. 11), é bastante provável que Foucault (2010) jamais tivesse idealizado essa possibilidade hermenêutica e factual produzida a partir de suas ponderações, como também é possível que não imaginasse como seria o governo digital que emerge no século XXI.

Para tratar de análises acerca do tempo presente e, portanto, a partir da segunda década do século XXI, principalmente quanto à quarentena global decorrente da contaminação do novo coronavírus, faz-se necessário compreender como a produção e difusão de informações no ciberespaço passou a ocorrer, sobretudo a partir de 2016, embora Kakutani (2018) tenha evidenciado esse fenômeno decorrente da flexibilização da verdade alguns anos antes. Curiosamente, foi em 2016 que o dicionário Oxford apresentou “pós-verdade” como palavra do ano, evidenciando que a factualidade acerca das informações disponibilizadas na internet deu lugar a narrativas desprovidas de evidências, passando a ganhar relevância na medida em que são compartilhadas incessantemente e tomadas como verdades através do uso de plataformas que não regulam precisamente a qualidade dos dados difundidos.

Esse fenômeno constatado pelo dicionário Oxford, no ano em que Donald Trump foi eleito presidente dos Estados Unidos e no momento em que o Reino Unido votou pela saída da União Europeia, com o chamado *Brexit*, acabou dando lugar a uma espécie de disputa de verdades através dessa *guerra cultural*. Não é demais registrar que a mesma lógica levou, quatro anos mais tarde, ao questionamento por parte do governo brasileiro acerca das recomendações da OMS sobre a pandemia e até mesmo sobre a própria doença.

Independente dessas narrativas serem verdadeiras, na medida em que são encontradas em relatórios apresentados por grupos de pesquisadores nacionais e internacionais do campo da saúde, reconhecidos por diversos países, mas que passaram a ser questionados por meio da produção e difusão de informações falaciosas produzidas tanto pelo presidente Bolsonaro quanto por seus seguidores orientados por Olavo de Carvalho (2018) e difundidas no ciberespaço, sobretudo, nos grupos de *WhatsApp*, na tentativa de fazer com que suas opiniões desprovidas de evidências científicas tivessem a mesma estatura de verdade que as recomendações da OMS.

Muitos atribuem a vitória de Jair Bolsonaro ao uso do WhatsApp, parasitadas por postagens anônimas e compradas por grupos privados. Independente da veracidade e da extensão desse fator, não se pode negar que sua campanha obteve sucesso graças ao universo digital. Isso parece se prolongar em um estilo de governança na qual postagens em redes sociais substituem lentamente assessorias de imprensa e demais mediações institucionais. Poucos notaram, entretanto, que junto com isso triunfou uma nova estrutura de grupos familiares em aplicativos de mensagens, submetidos a um funcionamento discursivo de massa, no qual as dimensões pública e privada parecem estar em permanente oscilação. O fenômeno mais típico dessa regressão ao estado de massa é a impossibilidade de se fazer escutar por argumentos ou fatos, além da irrelevância relativa as fontes. No interior de uma batalha discursiva, o uso de fake News, de forma intencional ou ingênua, é bastante facilitado. Os interlocutores repetem monólogos com crescente agressividade. A regressão ao funcionamento de massa, com sua estereotopia e certeza dogmáticas, produziu um extenso sentimento de divisão social, rompendo laços e dissociando relações (Dunker, 2019, p. 121-122).

Em sua análise sobre a modulação comportamental que ocorre em plataformas digitais, Machado (2018, p. 47-48) afirmou que “se os dados são o novo

petróleo, a modulação seria o produto de luxo, feito sob medida, já na ponta final da cadeia de produção”. Diante disso, a autora argumenta que “os algoritmos podem ser descritos como uma série de instruções delegadas a uma máquina para resolver problemas pré-definidos. São processos codificados para transformar dados de entrada em uma saída desejada” (Machado, 2018, p.48). Contudo, é com base nessa saída desejada e, portanto, fundamentada em cálculos que estão presentes em praticamente todas as funções que utilizamos na rede, que a algoritmização irá atuar visando a personalização dos conteúdos recebidos por cada usuário.

As plataformas reúnem pessoas que querem ou necessitam se agrupar ou pertencer a redes de amizade, negócios, afetos, entretenimento. Como integrantes, essas pessoas têm o poder de entrar ou abandonar a plataforma, muito diferente do poder que os gestores ou que os donos dessas redes privadas detêm. Um dos principais modos de controle que os gestores das plataformas possuem sobre os seus usuários se dá pela modulação das opções e dos caminhos de interação e de acesso aos conteúdos publicados. A modulação é um processo de controle da visualização de conteúdos, sejam discursos, imagens ou sons. As plataformas não criam discursos, mas possuem sistemas algoritmos que distribuem os discursos criados pelos seus usuários, sejam corporações, sejam pessoas (Silveira, 2018, p. 37).

A escolha do referencial teórico se deu, sobretudo, no intuito de evidenciar como opera o fluxo de informações difundidas no ciberespaço pela OMS sobre os riscos da pandemia do Covid-19 e como isso passou a ser interpretado pelo presidente Jair Bolsonaro a partir de certo modelo mental negacionista da ciência que se opõe veementemente às recomendações dessa organização internacional, construindo uma narrativa que propõe certa oposição entre soberania e recomendações globais, estabelecendo não apenas uma origem do vírus decorrente de uma suposta intencionalidade chinesa sem qualquer evidência científica, mas também ampliando o alcance do seu governo através da difusão de *fake news* como discurso oficial, compartilhando publicamente em plataformas como *Twitter*, *Instagram* e *Facebook*, e possibilitando que essas informações falaciosas sejam apropriadas e difundidas privadamente em grupos de *WhatsApp*.

Diante disso, é importante ressaltar que não apenas o *WhatsApp* reconheceu que a plataforma beneficiou a vitória de Bolsonaro nas eleições brasileiras de 2018⁸, mas que o próprio *Facebook* admitiu ter vendido informações de mais de oitenta

⁸ Cf. WhatsApp admite envio maciço ilegal de mensagens nas eleições de 2018. Reportagem da Folha de S. Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/whatsapp-admite-envio-massivo-ilegal-de-mensagens-nas-eleicoes-de-2018.shtml>>; Acesso em 18/01/2021.

milhões de usuários para a empresa Cambridge Analytica, que as utilizou na modulação comportamental de eleitores estadunidenses para a vitória de Donald Trump⁹, em 2016 (Rosa, 2019; Da Empoli, 2019).

Assim, as análises apresentadas acerca do negacionismo científico promovido por Jair Bolsonaro, Olavo de Carvalho e seus seguidores, acabou possibilitando com que evidenciássemos como disposições discursivas molares, arbóreas e macropolíticas decorrentes das narrativas construídas e compartilhadas publicamente em plataformas como o *Facebook*, *Twitter* e *Instagram* acerca da pandemia, isolamento social do Covid-19, através não apenas de bolsonaristas reais, mas por meio de possíveis robôs¹⁰ e *trolls* provenientes de técnicas de algoritmização, acabaram sendo difundidas de forma molecular, rizomática e micropolítica.

Em decorrência do incessante compartilhamento privado de informações falaciosas em grupos de *WhatsApp* que repercutem esses discursos em forma de textos, memes, vídeos, imagens, dentre outros elementos informacionais que reiteram esse tipo de afirmação falaciosa, independente de os fatos apresentados serem verdadeiros, mas possibilitando uma espécie de engajamento pelo ódio, produz uma contaminação digital que visa estabelecer um novo regime de verdade, um novo regime ontológico e um novo regime epistemológico. Assim, a difusão de uma informação pública compartilhada pelo *Facebook*, por exemplo, em que seria possível localizar o número de curtidas, perde o seu lastro quando passa a ser reproduzida privadamente em grupos de *WhatsApp*.

Bolsonarismo e negacionismo científico em grupos de *WhatsApp*

A observação participante realizada pelos autores deste artigo em quatro grupos bolsonaristas de *WhatsApp* ocorreu de forma simples e bastante direta, tendo em vista que bastou o aceite dos convites – que circulavam na *web* – para participarem do grupo intitulado “Direita Conservadora” e, em seguida, passaram a

⁹ Cf. Cambridge Analytica se declara culpada em caso de uso de dados do Facebook. Reportagem do G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/01/09/cambridge-analytica-se-declara-culpada-por-uso-de-dados-do-facebook.ghtml>>; Acesso em 20/01/2021.

¹⁰ Cf. 55% de publicações pró-bolsonaro são feitas por robôs. Reportagem do Valor Econômico. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/04/03/55-de-publicacoes-pro-bolsonaro-sao-feitas-por-robos.ghtml?origem=G1&utm_source=g1.globo.com&utm_medium=referral&utm_campaign=materia>; Acesso em 20/01/2021.

ser automaticamente incluídos em outros grupos congêneres, como “Bolsonaro Presidente”, “Direita Bolsonarista” e “Deus está com Bolsonaro”.

Essa parece ser uma dinâmica recorrente, conforme se depreende do texto publicado por um recém participante do grupo “Direita Conservadora” que, em sua primeira manifestação naquele espaço, disse: “Boa noite. Para a minha surpresa, fui colocado aqui nesse grupo. Grato. Sou ADM de dois grupos Bolsonaro. Mas se houver comunista infiltrado aqui, eu saio. Abs”.

Embora o primeiro destes grupos não se reconhecesse necessariamente como bolsonarista, mas como um espaço destinado aos adeptos da direita conservadora, essa associação se tornou bastante evidente quando o episódio do pedido de demissão do então ministro da justiça e segurança pública, Sergio Moro¹¹, entrou na pauta de discussões. Logo em seguida, alegando terem se sentido ofendidos com alguns comentários, muitos participantes que manifestaram apoio ao ex-juiz e se reconheciam como filiados à direita conservadora acabaram deixando o grupo. É importante registrar que, naquela ocasião, aumentava a quantidade mortes em razão da Covid-19, fato que motivava inúmeros comentários sobre o suposto “vírus chinês”.

Os conflitos entre os apoiadores de Bolsonaro e de Moro instigaram os pesquisadores que escreveram esse artigo a construírem uma fachada (Goffman, 2011), como se fossem apoiadores do segundo, o que consistiu em uma estratégia para promover debates, para estimular os integrantes do grupo a manifestarem os seus posicionamentos políticos. Diante da virulência das manifestações dos bolsonaristas, o debate se tornou inviável, e todos os pesquisadores acabaram sendo excluídos do grupo “Direita Conservadora”. Tal fato não causou prejuízos à pesquisa, uma vez que ela seguiu sendo realizada nos outros grupos de *WhatsApp*. Todavia, o ocorrido ensejou uma correção na estratégia. Para evitar novas exclusões, o que inviabilizaria o trabalho, os pesquisadores decidiram por não mais se manifestar e apenas acompanhar as publicações inseridas naqueles espaços.

Para evidenciar o tom do debate sobre conservadorismo e apoio ao presidente da república diante da saída de Moro do governo, é importante descrever

¹¹ Cf. Ex-juiz Sergio Moro anuncia demissão do Ministério da Justiça e deixa o governo Bolsonaro. Reportagem do G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/24/moro-anuncia-demissao-do-ministerio-da-justica-e-deixa-o-governo-bolsonaro.ghtml>>; Acesso em 20/01/2021.

um acontecimento ocorrido enquanto todos os pesquisadores ainda faziam parte do grupo “Direita Conservadora”, ocasião em que um dos participantes provocou os bolsonaristas afirmando que: “Ser de direita conservador não é a mesma coisa que apoiar Bolsonaro. Discordar não é igual a ser PT ou comunista. Sou de direita. Bolsonaro é traidor da pátria”. Logo em seguida, outro participante respondeu escrevendo: “Você é um grande filho da puta. Direita uma porra, você é um comunista”. Outro membro, anunciando que sairia do grupo, ainda escreveu que: “Pensei que esse grupo era de direita e que defendia o presidente, já que não é, quem sai sou eu, bando de esquerdopatas”. Tal acontecimento (que não foi isolado, pois esse tipo de discussão, marcada por ofensas, se repetiu muitas vezes em todos os grupos) tornou claro o fato de que, nos grupos de *WhatsApp* investigados, jamais existiu espaço para divergências de opiniões políticas e muito menos para críticas ao presidente. Assim, somente é possível a participação se ela reiterar o que os apoiadores de Bolsonaro tomam como verdade para si.

Não obstante, é necessário evidenciar que na pesquisa etnográfica foi encontrada uma enxurrada de *fake news*, mentiras que nunca eram questionadas, mas, que, pelos comentários que as seguiam, possivelmente eram compartilhadas em outros grupos. Restou claro que os grupos operavam tanto na produção quanto na disseminação de notícias falsas que almejam a condição de verdade. É desse modo que a militância bolsonarista atua nas redes sociais, fazendo-nos acreditar e até mesmo acreditando que a participação no ciberespaço, mesmo instrumentalizada por robôs, *trolls* e modulações algorítmicas, corresponderia a participação total física e real dos brasileiros no campo político. Nesse sentido, é interessante perceber que:

A negação do procedimento científico da sobreposição da vivência e do testemunho à mediação metodológica não é algo isolado na economia discursiva do governo chefiado por Jair Bolsonaro. É uma das principais características da corrente ideológica que aprendemos a chamar de “bolsonarismo”, sendo o resultado direto da influência das ideias do autoproclamado filósofo Olavo de Carvalho (Oliveira, 2020, p. 82).

Para que o negacionismo científico seja tomado como um regime ontológico e, portanto, seja tratado como verdade, é necessário o compartilhamento de especulações fantasiosas amparadas em conspirações que são utilizadas para fidelizar os participantes, já que a autoverdade permite um engajamento ainda mais intenso, que se amplia na medida em que são demandados discursos de ódio contra

a dissidência política, recorrentemente associada ao comunismo, esquerda, petismo, progressismo, evidenciando aquilo que Foucault (2010) chamou de racismo de Estado.

Com efeito, o que é racismo? E, primeiro, o meio de introduzir afinal, nesse domínio da vida de que o poder se incumbiu, um corte: o corte entre que deve viver e o que deve morrer. No contínuo biológico da espécie humana, O aparecimento das raças, a distinção das raças, a hierarquia das raças, a qualificação de certas raças como boas e de outras, ao contrário, como inferiores, tudo isso vai ser uma maneira de fragmentar esse campo do biológico de que o poder se incumbiu; uma maneira de defasar, no interior da população, uns grupos em relação aos outros. Em resumo, de estabelecer uma cesura que será do tipo biológico no interior de um domínio considerado como sendo precisamente um domínio biológico. Isso vai permitir ao poder tratar uma população como uma mistura de raças ou, mais exatamente, tratar a espécie, subdividir a espécie de que ele se incumbiu em subgrupos que serão, precisamente, raças. Essa e a primeira função do racismo: fragmentar, fazer cesuras no interior desse contínuo biológico a que se dirige o biopoder. De outro lado, o racismo terá sua segunda função: terá como papel permitir uma relação positiva, se vocês quiserem, do tipo; "quanta mais você matar, mais você fará morrer", ou "quanto mais você deixar morrer, mais, por isso mesmo, você viverá". Eu diria que essa relação ("se você quer viver, é preciso que você faça morrer, é preciso que você possa matar") afinal não foi o racismo, nem o Estado moderno, que inventou. É a relação guerreira: "para viver, é preciso que você massacre seus inimigos". Mas o racismo faz justamente funcionar, faz atuar essa relação de tipo guerreiro - "se você quer viver, é preciso que o outro morra" – de uma maneira que é inteiramente nova e que, precisamente, é compatível com o exercício do biopoder. (Foucault, 2010, p. 214-215).

Esse racismo de Estado evidenciado por Foucault, que extrapola a questão da raça na medida em que insere a estratégia de eliminação simbólica e física do perigo biológico, visa uma espécie de limpeza moral, na qual os posicionamentos políticos divergentes são passíveis de serem exterminados, assim como aqueles sujeitos e grupos que se colocam tributários a eles. Isso fica bastante evidente não apenas no tratamento dado aos comunistas, esquerdistas, socialistas, petistas, progressistas, dentre outros situados pela chave do globalismo, mas também abarca as teorias conspiratórias sobre o Covid-19 e a quarentena global, que insere a China na chave do racismo de Estado.

O governo da China passou a ser acusado pelos bolsonaristas investigados nos quatro grupos de *WhatsApp* em que desenvolvemos a nossa pesquisa etnográfica de supostamente fomentar a implementação de um governo global, no qual seria imposto um padrão comportamental "globalista" composto por regramentos e normatividades específicas que buscariam compor um Estado global, comprometendo a existência das soberanias nacionais por meio da imposição de diretrizes que deveriam ser implementadas por todos os países no sentido de evitar o contágio - a exemplo da Organização das Nações

Unidas – ONU, bem como da própria Organização Mundial da Saúde – OMS. É justamente isso que argumenta Olavo de Carvalho:

Que o globalismo é um processo revolucionário, não há como negar. E é o processo mais vasto e ambicioso de todos. Abrange a mutação radical não só das estruturas de poder, mas da sociedade, da educação, da moral, e até das reações mais íntimas da alma humana. É um projeto civilizacional completo e sua demanda de poder é a mais alta e voraz que já se viu. Tantos são os aspectos que o compõem, tal a multiplicidade de movimentos que abrange, que sua própria unidade escapa ao horizonte de visão de muitos liberais e conservadores, levando-os a tomar decisões desastradas e suicidas no momento mesmo em que se esforçam para deter o avanço da “esquerda”. A ideia do livre comércio, por exemplo, que é tão cara ao conservadorismo tradicional (e até a mim mesmo), tem sido usada como instrumento para destruir as soberanias nacionais e construir sobre suas ruínas um onipotente Leviatã universal. Um princípio certo sempre pode ser usado da maneira errada. Se nos apegamos à letra do princípio, sem reparar nas ambiguidades estratégicas e geopolíticas envolvidas na sua aplicação, contribuimos para que a ideia criada para ser instrumento da liberdade se torne uma ferramenta para a construção da tirania (Carvalho, 2018, p. 162).

Esse argumento acerca da disputa entre “globalistas” e “soberanistas” - em que se poderia situar os primeiros como multiculturalistas e os últimos como etnonacionalistas (Fraser, 2020)- fica bastante evidente quando um dos interlocutores do grupo “Bolsonaro Presidente” compartilha um vídeo de uma chinesa, supostamente moradora da cidade de Wuhan, onde se iniciou o contágio do Covid-19, afirmando: “É, mas o FBI e a CIA têm provas concretas de que a China quer se tornar a maior potência mundial, lançando o vírus nos Estados Unidos. A China matou médicos e escondeu a verdade. Tenho vídeos. Aqui está, essa mulher já deve ter sido morta. Ela é chinesa de Wuhan”. Curiosamente essa responsabilização atribuída exclusivamente à China pela disseminação do Covid-19, tratado tanto pelo presidente do Brasil¹² quanto pelo presidente dos Estados Unidos¹³, como “vírus chinês”, inscrevem esse país na chave do racismo de Estado, intensificando-se na medida em que verificamos a emergência do engajamento político pelo ódio.

Venerar, supersticiosamente, um líder, em atitude de submissão acrítica e estereotipada, é a contrapartida desse processo. Dessa forma, a excepcionalidade legítima se posiciona do lado do sujeito, autorizando a emergência de afetos segregativos contra a massa inimiga. Há uma redução dualista das pessoas, como líder-seguidor ou vencedor-fracassado, bem como uma projeção essencialista do inimigo. Aqui,

¹² Cf. Bolsonaro está convencido de que coronavírus é um plano do governo chinês. Coluna de Tales Faria no web site da UOL Notícias. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/tales-faria/2020/03/16/bolsonaro-esta-convencido-de-que-coronavirus-e-plano-do-governo-chines.htm>>; Acesso em 25/01/2021.

¹³ Cf. Trump volta a dizer que coronavírus foi fabricado na China. Reportagem da Veja. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/trump-volta-a-dizer-que-coronavirus-foi-fabricado-na-china/>>; Acesso em 25/01/2021.

predomina a identificação de massa e uma espécie de reação hipnótica de ódio que age por contaminação. Por exemplo, se o PT tem casos de corrupção, as pessoas que simpatizam com ele são automaticamente defensoras da corrupção ou, até corruptas elas mesmas. A contiguidade do ódio passa do PT para o comunismo, daí para o esquerdismo, gênero, ideologia, e disso para qualquer sintagma que contenha a expressão “social” (por isso o partido Nacional Socialista de Hitler se torna automaticamente de esquerda) (Dunker, 2019, p. 128).

Mesmo que tenha objetivado analisar as narrativas negacionistas sobre a pandemia produzidos, proferidos e compartilhados por grupos bolsonaristas que atuam no *WhatsApp*, a pesquisa também evidenciou inúmeros discursos que em muitas oportunidades apareceram entrelaçados ao negacionismo. Temas como gênero, nacionalismo, guerra cultural, comunismo e religião sempre estiveram presentes, inclusive sendo tratados de modo isolado, mas em inúmeras ocasiões serviram de fundo para as discussões sobre a Covid-19 e as estratégias destinadas à contenção da doença.

Dentre outras questões, isso evidenciou um “modelo mental bolsonarista” construído a partir de uma composição binária orientada pela guerra cultural mencionadas por Olavo de Carvalho (2018) que se amparam em uma espécie de resgate nacionalista, apresentado por ele como “soberanistas”, em oposição aos “globalistas”. É esse arquétipo que embasa os defensores de uma suposta articulação envolvendo organizações internacionais como a OMS e a Organização das Nações Unidas (ONU), que seriam financiadas principalmente pela China para se colocar como a maior potência econômica mundial, através da criação de um governo mundial que ameaçaria os valores judaico-cristãos, impondo uma agenda progressista associada às pautas de esquerda. A matriz dessa esquemática está explícita nas elucubrações de Olavo de Carvalho:

Os acontecimentos mais básicos dos últimos cinquenta anos são: primeiro, a ascensão de elites globalistas, desligadas de qualquer interesse nacional identificável e empenhadas na construção não somente de um Estado mundial mas de uma pseudocivilização planetária unificada, inteiramente artificial, concebida não como expressão da sociedade mas como instrumento de controle da sociedade pelo Estado; segundo, os progressos fabulosos das ciências humanas, que depositam nas mãos dessas elites meios de dominação social jamais sonhados pelos tiranos de outras épocas (Carvalho, 2018, p. 175).

O meme abaixo, extraído do grupo de *WhatsApp* “Deus está com Bolsonaro”, ilustra com precisão o modo como a narrativa bolsonarista cujas raízes estão no pensamento conspiratório, reducionista e desarrazoado de Olavo de Carvalho, toma forma nas redes sociais e nos grupos de aplicativo de comunicação instantânea. É interessante atentar ainda para o fato de que esta narrativa se encontra tão capilarizada que é replicada até mesmo por pessoas que jamais acessaram os textos e vídeos de Olavo de Carvalho. Pelo menos é o que

se denota de um episódio, no qual um apoiador do presidente afirmou que “O vírus é uma criação chinesa para vender remédio, vacina e lucrar. O objetivo dos comunistas é passar os EUA e tirar Trump”, e quando foi acusado por um “infiltrado” (que existem em grandes quantidades nesses grupos) de ser um “discípulo doutrinado p/ idiota de Olavo”, respondeu: “Vtf, meo, nunca vi esse cara e não preciso ser discípulo de ninguém para saber a verdade das coisas”.



Fonte: Grupo de WhatsApp “Deus está com Bolsonaro”.

Diante disso, é importante enfatizar que esses grupos investigados são motivados pela modulação algorítmica (uma prática que é muito mais eficiente e nefasta que a manipulação)¹⁴, uma vez que se utilizam não apenas dos robôs e *trolls*, mas de inúmeros recursos de interação que lhes permitem operar sobre o plano psicológico para reforçar e até organizar ideias antidemocráticas e conspiratórias¹⁵. Além disso eles fomentam o tempo inteiro a ampliação dessas redes de articulação através da difusão dos conteúdos (memes,

¹⁴ A modulação psicológica é um processo diferente da manipulação, que há muito tempo é empreendida pelos tradicionais veículos de informação (TV, rádio, jornais, etc.). A modulação opera pelo enquadramento emocional, por inúmeros artifícios que instigam o usuário a participar ativamente desse processo. As arquiteturas das redes sociais e dos aplicativos de internet, por oferecerem inúmeras possibilidades de interação, são desenvolvidas visando esse fim. Enquanto a velha manipulação midiática operava mediante a falsificação da realidade para todo o público, isto é, supervalorizando alguns fatos ou versões em detrimento de outros, a modulação algorítmica atinge os indivíduos em suas singularidades. Baseada nas tecnologias algorítmicas *online*, que pela coleta e análise de dados permitem o pleno conhecimento dos perfis dos usuários, a modulação é operada através do direcionamento de uma grande quantidade de informações selecionadas de acordo com as preferências e personalidades dos mesmos. Por atender expectativas, estimular emoções e comportamentos, a modulação ostenta um imenso potencial tanto para vender produtos quanto para reforçar a coesão entre certos grupos (Rouvrouy; Berns, 2015; Cassino, 2018).

¹⁵ De acordo com Theodor W. Adorno, diferentemente da propaganda direcionada ao consumo, que sempre teve como objetivo influenciar os indivíduos a comprarem determinados produtos ou a adotarem determinados comportamentos-estilos, a propaganda antidemocrática, sobretudo a de essência fascista, não tem como finalidade convencer as pessoas a se tornarem fascistas, mas sim criar e/ou reforçar o vínculo entre o agitador fascista e as pessoas que compartilham previamente de ideias antidemocráticas ou têm propensão a simpatizar com elas. Essa síntese, a modulação operada atualmente por grupos de extrema-direita fascistóides dificilmente conseguirá transformar democratas em fascistas, mas terá grande êxito em promover o encontro e reforçar a coesão de pessoas previamente tributárias das ideias antidemocráticas (Adorno, 2015; Adorno 2019).

vídeos, textos, etc.) ali disponibilizados. Sem dúvidas, as teorias conspiratórias e as *fake news* lançadas nesses grupos acabam sendo compartilhadas em milhares de outros grupos (até mesmo de familiares ou de amigos) e plataformas, dinâmica esta que garante a continuidade de uma espiral através da qual as narrativas criadas pelas novas direitas, como as que negam a pandemia e desacreditam as medidas sanitárias que visam o seu controle, vão se reproduzindo cada vez mais em plataformas digitais como o *WhatsApp* e, com isso, influenciando cada vez mais a vida fora da internet.

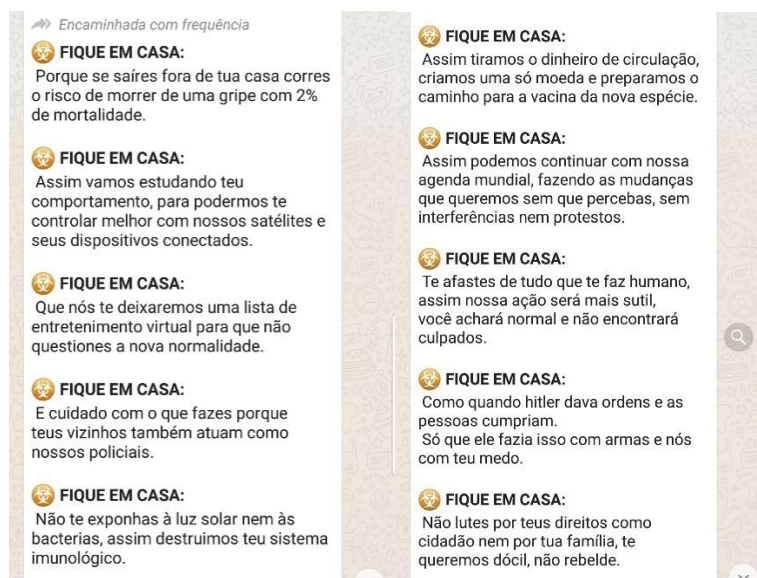
Isso fica bastante evidente a partir de vários exemplos que serão demonstrados. Inicialmente podemos encontrar essa prática intimidadora e violenta nos momentos em que grupelhos bolsonaristas atacaram o Supremo Tribunal Federal (STF)¹⁶ e também os enfermeiros que protestavam por melhores condições de trabalho nos hospitais durante a pandemia¹⁷. Naquela ocasião, em todos os grupos de *WhatsApp* investigados circulavam vídeos das ações gravadas pelos agressores bolsonaristas e também diversos textos, áudios, *cards* e imagens que prestavam apoio a eles e/ou incentivavam a violência, conteúdo que era publicado tanto pelos administradores dos grupos quanto pelos seus membros.

Também foi possível constatar o efeito algorítmico mobilizado em uma dimensão micropolítica, rizomática e molecular (Deleuze; Guattari, 2012) quando um participante do grupo “Direita Bolsonarista” compartilhou privadamente (diretamente nos contatos dos membros do grupo) uma imagem do presidente Jair Bolsonaro sorrindo e com o seguinte texto: “O terceiro líder mundial mais seguido nas redes Jair Bolsonaro #FechadoComBolsonaro Aliança pelo Brasil”, e em seguida um *print* de uma publicação de Eduardo Bolsonaro no *Twitter* que dizia: “A hashtag #FechadoComBolsonaro já lidera os *trend topics* do *Twitter* com mais de 315.000 citações. O Presidente segue gozando de total prestígio junto à sociedade”. Vale consignar que essa última mensagem foi compartilhada privadamente por inúmeros usuários de todos os grupos pesquisados, o que demonstra o êxito das táticas algorítmicas.

A narrativa negacionista da pandemia de Covid-19 também vem sendo disseminada nessa perspectiva rizomática e molecular, para utilizar a chave interpretativa deleuze-guattariana, e cuidadosamente organizada com base nos argumentos antiglobalistas e falaciosos de Olavo de Carvalho e seus seguidores reacionários, os mesmos que encapsulam os discursos bolsonaristas, conforme demonstra a imagem abaixo, compartilhada por uma usuária do grupo “Deus está com Bolsonaro”:

¹⁶ Cf. Alvo da PF, ativista bolsonarista ataca ministro do STF: “Covarde”. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/alvo-da-pf-ativista-bolsonarista-ataca-ministro-do-stf-covarde/>>; Acesso em 13/04/2021.

¹⁷ Cf. Em protesto, bolsonaristas atacam profissionais de saúde. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/video/em-protesto-bolsonaristas-atacam-profissionais-de-saude-veja-o-video/>>; Acesso em 13/04/2021.



Fonte: Grupo de WhatsApp “Deus está com Bolsonaro”.

É possível constatar que esse mesmo perfil de publicações que toma o número de compartilhamentos e citações na internet como referência para o cálculo acerca do número de apoiadores nas plataformas digitais, que supostamente corresponderia ao número de apoiadores reais, tem sido utilizado pelos bolsonaristas não apenas para afirmar seus discursos políticos, que inflamam a militância radical e asseguram a estabilidade do governo Bolsonaro (com o apoio dos militares e de grande parte do establishment financeiro), mas também para propagar as narrativas negacionistas sobre a pandemia que, a essa altura, também serve para fins políticos.

Ora, parece-nos evidente que Bolsonaro e seus seguidores não estão nenhum pouco preocupados se os brasileiros irão se vacinar ou não, ou se milhares irão morrer, pois parece que para se assumir identitariamente como bolsonarista seria necessário negar o uso de máscaras, reconhecer que o vírus foi produzido intencionalmente na China, que há um tratamento precoce baseado no consumo de cloroquina, ivermectina, azitromicina e até ozônio. Na verdade, essa negligência que apresenta certo caráter genocida e até mesmo suicidário é algo presente em governos totalitários, sobretudo, no fascismo e no nazismo. Pelo cenário posto, é cristalino que as posturas, medidas e narrativas negacionistas interessam a eles porque, assim como os demais discursos de ódio, são muito úteis para manter a coesão entre seus apoiadores mais radicais.

A dinâmica da propaganda bolsonarista, que agora abarca também o negacionismo em relação à pandemia, confirma o que Da Empoli (2019, p. 153) e López (2015) chamaram de *dog whistle politics* ou, em português, “política do apito para cachorro”, que produz efeitos somente em determinado público que é mantido engajado e percebe o chamado, enquanto as demais pessoas não o ouvem ou percebem.

(...) o líder de um movimento que agregue fake News à construção de sua própria visão de mundo se destaca da manada dos comuns. Não é um burocrata pragmático e fatalista como os outros, mas um homem de ação, que constrói sua própria realidade para responder aos anseios de seus discípulos. Na Europa, como no resto do mundo, as mentiras têm a dianteira, pois são inseridas numa narrativa política que capta os temores e as aspirações de uma massa crescente do eleitorado, enquanto os fatos dos que as combatem inserem-se em um discurso que não é mais tido como crível. Na prática, para os adeptos dos populistas, a verdade dos fatos, tomados um a um, não conta. O que é verdadeiro é a mensagem no seu conjunto, que corresponde a seus sentimentos e suas sensações. Diante disso, é inútil acumular dados e correções, se a visão do conjunto dos governantes e dos partidos tradicionais continua a ser percebida por um número crescente de eleitores como pouco pertinentes em relação à realidade (Da Empoli, 2019, p. 24).

Segundo López (2015), um apito para cachorro produz um som em uma frequência inaudível aos ouvidos humanos, uma vez que o seu uso é direcionado exclusivamente a esses animais. A “política do apito para cão” apresentada pelo autor funciona de uma forma semelhante, uma vez que mostra como que determinadas publicações ou ações orientadas a certos perfis de pessoas, mesmo sendo disfarçadamente direcionadas a um certo público específico, acabam não sendo reconhecidas por aqueles que desconhecem o sentido atribuído por seu produtor e difusor, mas acabam atingindo certeira e precisamente os seus alvos na medida em que permite um certo tipo de ataque bastante preciso. Um bom exemplo acerca do uso dessa técnica no contexto brasileiro pode ser encontrado na fala proferida pelo ex-ministro da cultura do governo de Jair Bolsonaro, Roberto Alvim, que ao utilizar trecho do discurso manifestado pelo ministro da propaganda nazista, Joseph Goebbels¹⁸, acabou sinalizando para grupos supremacistas brancos e neonazistas que o governo brasileiro representa também esse público.

Essa estratégia, utilizada pela família Bolsonaro, Olavo de Carvalho e seus seguidores que se reconhecem como conservadores cristãos, ficou bastante evidente após o início da operação contra as *fake news* deflagrada pela Polícia Federal, a qual culminou na apreensão de computadores e documentos de suspeitos de terem difundido intencionalmente informações falsas com o propósito de construir narrativas para reiterar os posicionamentos do governo federal e de seus apoiadores.¹⁹

Segundo a jornalista Mônica Bergamo, logo após a operação da polícia federal direcionada aos investigados por disseminação de *fake news*, a rede de robôs ligada ao bolsonarismo no *Twitter* acabou caindo. Nesse caso, de acordo com o levantamento

¹⁸ Cf. Após referência a Goebbels, secretário de Cultura Roberto Alvim diz que semelhança com discurso nazista foi 'coincidência retórica'. Reportagem da BBC News Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51149261>>, Acesso em 05/02/2021.

¹⁹ Cf. Robôs bolsonaristas têm queda no Twitter depois de ação na PF. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/05/robos-bolsonaristas-tem-queda-no-twitter-depois-de-acao-na-pf.shtml>>; Acesso em 05/02/2021.

produzido pela consultoria AP Exata, as publicações dos chamados perfis de interferência caíram de uma média de 14% para 10% no *Twitter*, que é uma plataforma mais visível, uma vez que as informações são públicas²⁰.

É importante sublinhar que vários convites para participação de outros grupos bolsonaristas foram encaminhados aos pesquisadores enquanto o trabalho etnográfico se desdobrava, assim como frequentemente eram disponibilizadas listas com até 249 contatos para que estes fossem convidados a ocuparem esses espaços ou para que fossem criados novos grupos de *WhatsApp*. Também era muito comum encontrarmos publicações sucessivas sobre diversos assuntos, mas, quando algo que comprometia o governo Bolsonaro surgia na grande mídia corporativa, havia um certo hiato temporal, certamente para aguardar a narrativa que seria produzida para defender o presidente. Logo em seguida, surgia uma nova enxurrada de informações constituídas a partir de uma recém publicação que mais uma vez se capilarizava como verdade naqueles espaços virtuais.

Certamente a dissidência política, tratada de forma engajadora e por meio do ódio, é uma das principais características do bolsonarismo e isso ocorre inclusive diante daqueles que defendem as recomendações da OMS acerca das medidas sanitárias de combate à Covid-19. Um exemplo desse anti-esquerdismo ou anti-comunismo pode ser evidenciado em um *post* compartilhado por um participante do grupo de *WhatsApp* “Deus está com Bolsonaro”, em que ele escreve:

Olá colegas de grupo! Temos que cuidar com essa questão da vacina. PSDB é um partido irmão do PT. Dória finge bem, mas é visivelmente combinado com os comunistas, com o globalismo comunista. Essas medidas de isolamento determinadas por ele e também a fixação nessa vacina configura um alinhamento ao comunismo chinês que querem implementar no mundo todo. Além disso essas medidas visam enfraquecer o PR que é contra essa sangria justamente porque já entendeu o que eles querem com ela. A pandemia é a última cartada do comunismo, temos que espalhar a verdade sobre o que está acontecendo, que Dória quer fortalecer seu projeto pessoal com o auxílio do comunismo e de seus novos discursos. O comunismo precisa ser criminalizado para sempre.
#ForaDoriaComunista

Não foram poucas as postagens nesse tom compartilhadas nos grupos de *WhatsApp* pesquisados. Podemos citar diversos exemplos como o *post* de um participante do grupo “Direita Bolsonarista”, que escreve: “Lembre se estamos lutando contra um império que há mais de vinte anos já se desenhava no Brasil”. Além disso, no mesmo grupo também houve convocações para carreatas pró-Bolsonaro: “Todos contra o comunismo. Nesse domingo,

²⁰ Cf. O que aconteceu com os robôs depois da operação da PF no inquérito das fakenews? Entrevista com a jornalista Mônica Bergamo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6lt2MmunAWo>>; Acesso em 05/02/2021.

dia 3 de maio, na Prainha-VV 14 horas. Mulheres Direita -ES. Ação Brasil. Direita Vila Velha.”

Há ainda outro post que evidencia algo bastante presente no regime ontológico das direitas acerca do anti-esquerdismo e que vai ao encontro, por exemplo, de escritos como o livro de Lyle Rossiter (2016) intitulado *A mente esquerdista: As causas psicológicas da loucura política* que foi publicado pela editora Vide Editorial, difusora dos livros de Olavo de Carvalho, em que um participante do grupo “Direita Bolsonaroista” publicou a imagem com o seguinte texto: “Diálogo no filme J. Edgar: O comunismo não é um partido... É uma doença”. Obviamente, todas essas mensagens que convocavam manifestações ao longo da pandemia, eram acompanhadas de mensagens desacreditando as medidas sanitárias para conter a Covid-19, todas elas baseadas no discurso falacioso de que o novo coronavírus teria sido uma invenção da China para tornar o mundo comunista.

Nessa linha, um participante do grupo “Direita Bolsonaroista”, buscando fomentar o pânico político relacionado ao combate da Covid-19, postou uma imagem com fundo preto e com texto escrito em letras brancas, segundo ele retirada do *Twitter* de um apoiador de Bolsonaro, que dizia:

Estão gostando do “test drive” do comunismo? Isolamento social, toque de recolher, multas, prisões, rastreamento de celulares, decretos absurdos, barreiras intermunicipais, estatísticas de óbitos exacerbadas, compras superfaturadas, empresas falidas, milhões de desempregados, desespero, fome, miséria, suicídios, latrocínios, movimentos dos sem teto e sem terra, legislativos e judiciário aliados contra o Governo eleito e vc acreditando nas veiculações da “grande mídia”. Vá se preparando, isto é só o começo. Seus descendentes serão escravizados e lembrarão de vocês, que se omitiram diante dos inimigos do Brasil.

Tal manifestação evidenciou novamente que o efeito algorítmico decorrente de um *post* publicado no *Twitter* por algum apoiador do presidente possibilita um alcance enorme que geralmente se inicia de uma forma molar, macropolítica e arbórea, mas, que, quando sai das plataformas que permitem uma visualização pública, passando a ser incluído em outras, como o *WhatsApp*, nas quais se capilarizam privadamente e passam a produzir efeitos de forma molecular, micropolítica e rizomática, o que intensifica ainda mais o engajamento e o sentimento de ódio dos militantes.

Neste ponto, é oportuno esclarecer que nem todos os negacionistas acerca das determinações da OMS são bolsonaristas, tributários das direitas ou pessoas ignorantes. Contudo, o negacionismo no espectro político da centro-esquerda ou da esquerda, e no meio científico, é bem mais raro, embora exista. O filósofo italiano Giorgio Agamben (2020), por exemplo, foi uma das pouquíssimas figuras vinculadas ao campo acadêmico progressista que questionou a quarentena global, tentando situá-la pela chave de suas análises circunscritas aquilo que chamou de Estado de exceção, postura que resultou em

diversas críticas por parte de pesquisadores mundo afora, inclusive do Brasil²¹. Os efeitos desse negacionismo propagado no meio acadêmico, conforme se verifica no caso de Agamben (2020), dão margem às interpretações conspiratórias que abarcam hipóteses como as de Olavo de Carvalho e dos bolsonaristas. Indubitavelmente, em tempos de algoritmização, *fake news* e caos sanitário, as análises precipitadas podem ser extremamente danosas.

Como vimos nos diversos exemplos apresentados, a desinformação bolsonarista é algo gritante e extremamente prejudicial, especialmente do ponto de vista da saúde pública, conforme podemos encontrar no *post* compartilhado por um dos integrantes do grupo “Direita Bolsonarista” a partir do perfil de Instagram @obrasilapoiabolsonaro, no qual o participante chega a fomentar a perseguição de profissionais da saúde que atuam na minimização dos efeitos do contágio do Covid-19:

Via @simborabrasil URGENTE!! VEJAM SE ISSO TA ACONTECENDO COM VCS!! Em Limoeiro (PE) este grupo está fazendo coleta de exames para Covid-19, dizendo que foi a mando do governador Paulo Camara. Há relatos de contaminação de pessoas depois do tal exame. O espantoso é que lá não havia ocorrências e agora está surgindo!! Se isso for verdade, é muito grave!! Atenção autoridades, pedimos providências urgentes!!!!

É imperioso registrar que, por mais que alguns pouquíssimos participantes dos grupos de *WhatsApp* bolsonaristas passassem a contestar algumas das *fake news* compartilhadas naqueles espaços, os questionamentos apresentados jamais tinham o efeito de alterar a narrativa construída por Olavo de Carvalho (2018) acerca da existência da suposta *guerra cultural*, vez que logo surgia algum tipo de acusação ao sujeito que ou era expulso ou saía do grupo por conta própria. Isso foi constatado em diversas ocasiões, a exemplo do debate ocorrido após a demissão de Moro, no qual um participante chamou o presidente Jair Bolsonaro de “animal” por ele ter respondido “E daí? Quer que eu faça o quê? Sou Messias, mas não faço milagres”, quando perguntado por uma jornalista acerca do número de mortes no Brasil em decorrência da Covid-19²². O resultado, por ter chamado Jair Bolsonaro de “animal” no grupo, foi a saída em massa de apoiadores do presidente.

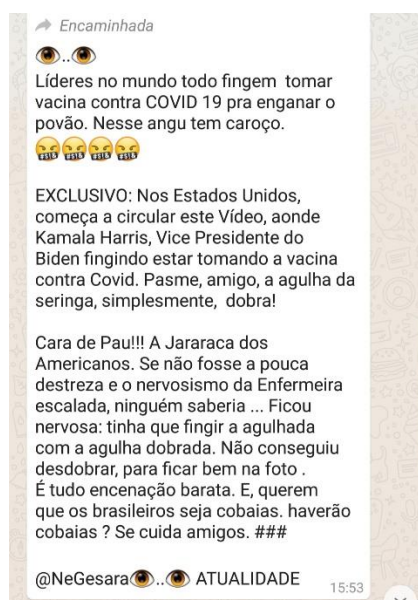
Em resumo, a pesquisa tornou claro o objetivo desses grupos, bem como que, do modo como estão organizados, até mesmo pelos recursos algorítmicos e de interação que utilizam, todas as tentativas de contestar as informações neles divulgadas restam

²¹ Cf. Até mesmo os filósofos se desentendem a respeito do perigo da pandemia. Reportagem no Jornal da USP. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/radio-usp/ate-mesmo-filosofos-se-desentendem-a-respeito-do-perigo-da-pandemia/>>; Acesso em 10/03/2021.

²² Cf. 'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; 'Sou Messias, mas não faço milagre'. Reportagem do G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>>; Acesso em 05/02/2021.

inviabilizadas. A investigação evidenciou também que o poder desses grupos reside no ódio que eles mesmos se encarregam de fomentar, ódio esse que, pela natureza autoritária e até mesmo fascistóide, bloqueia qualquer tipo de diálogo ou de mudança de pensamento orientado por evidências.

Diante disso, verificou-se que, assim como os discursos políticos em prol do presidente Bolsonaro, as narrativas negacionistas e anticientíficas sobre a pandemia seguem imperando e tendo forte e boa repercussão entre os seus membros, conforme demonstra a imagem abaixo que, juntamente com outras de teor semelhante que estão sendo massivamente disseminadas, indica que até mesmo a vacinação agora se tornou alvo de ataques e sabotagens.



Fonte: Grupo de WhatsApp “Deus está com Bolsonaro”.

Considerações Finais

Em que pese a gravidade da pandemia de Covid-19, que já contaminou mais 169 milhões de pessoas em todo o mundo, causando a morte de mais de 3,5 milhões delas ²³, o presidente brasileiro e seus apoiadores, adotando uma postura antidemocrática e desumana, tipicamente fascista, insistem em negar o problema. A negligência e a irresponsabilidade de Bolsonaro, chanceladas por seus militantes, buscam legitimidade em narrativas que negam ou minimizam a doença e também as medidas sanitárias que visam o seu controle. Até mesmo a vacina, que é o único recurso comprovadamente capaz de salvar vidas e de permitir o controle do novo

²³ Cf. Dados de 28/05/2021.

coronavírus, viabilizando a retomada das atividades cotidianas sem a necessidade de distanciamento social, passou a ser atacada por meio de teorias conspiratórias e informações falsas. Não é por acaso que hoje encontra-se em andamento uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) no Senado Federal, cujos objetivo consiste em apurar as (ir)responsabilidades do governo federal durante a pandemia.

A influência de um tipo particular de regime ontológico que nega o método científico e toda a abordagem interdisciplinar hodierna decorrente da adesão ao conspiracionismo encontrado nos escritos de Olavo de Carvalho (2018), partindo da falsa premissa de que vivemos uma *guerra cultural* entre “globalistas” que querem implementar o comunismo em escala mundial e pessoas que valorizam a soberania, os valores e tradições nacionais, é evidente nos discursos de Bolsonaro e de seus apoiadores.

É essa visão distorcida da realidade que dá corpo e imprime uma aparente coerência aos discursos que elegeram e agora mantêm o “Mito” no poder, apesar de seu governo catastrófico. As retóricas etnonacionalistas e “antiglobalistas” (que se tornaram mais evidentes de Alexandre Dugin à Steve Bannon, passando por Olavo de Carvalho) são utilizadas pelas novas extremas-direitas em diversas regiões do mundo, sempre com a intenção de angariar popularidade e força no campo político-governamental. No caso brasileiro, amalgamadas aos preconceitos históricos (racismo, elitismo, patrimonialismo, etc.), elas têm servido para amparar tanto as narrativas que se materializam no atual governo, que apresenta traços autoritários e até mesmo fascistas, quanto as que são usadas para demonizar todos os que se opõe aos desmandos de Bolsonaro, que são vistos pelos seus sectários como “inimigos da pátria”. Basta verificar que qualquer adversário do presidente, mesmo que não seja, é sempre taxado de “comunista”, “socialista”, “esquerdista”, “globalista” ou “petralha”.

Diante disso, não é de se estranhar que o presidente brasileiro e seus apoiadores tenham se posicionado contrariamente às medidas sanitárias de combate à pandemia de Covid-19 sugeridas pela OMS e pela comunidade médico-científica internacional. Considerando que o vírus foi primeiro identificado na China (que mesmo tendo errado ao não divulgar as informações sobre o vírus logo no início, não pode ser acusada de estar usando a pandemia para implementar o comunismo no mundo – jamais existiram elementos ou provas nesse sentido, e tal afirmação tampouco é crível frente a realidade geopolítica e econômica global) e que

todos os países e blocos do mundo resolveram agir em consonância com as recomendações da OMS para combater a pandemia, demonstrando certa organização em nível global, era previsível que as novas extremas-direitas antiglobalistas passassem a distorcer a realidade visando inflamar seus adeptos²⁴.

No Brasil, de acordo com os dados expostos ao longo do trabalho, é possível verificar que as narrativas que negam a pandemia e tentam desacreditar as medidas sanitárias destinadas à contenção da Covid-19 se proliferaram entrelaçadas ao discurso político de essência totalitária e até mesmo fascista que move o bolsonarismo, ainda que esse possa ser orientado por aquilo que Lazzarato (2019) chamou de neofascismo ou de ciberfascismo, identificando o seu caráter nacional-liberal, no lugar do precedente nacional-socialismo presente no fascismo histórico. Nesse sentido, a pesquisa que consistiu na observação de quatro grupos de *WhatsApp* que reúnem apoiadores de Bolsonaro evidenciou que essas narrativas negacionistas estão sendo produzidas para reforçar o apoio e a estabilidade do governo.

Diante de tudo o que foi exposto, é possível concluir que as narrativas negacionistas da pandemia e das medidas destinadas ao seu controle (e até mesmo da vacina) são utilizadas pelo presidente Jair Bolsonaro para garantir o apoio da parcela mais conservadora e alinhada à extrema direita da sociedade brasileira, opção que certamente vem garantindo sua estabilidade no poder, mas, por outro lado, vem fazendo com que seu governo seja visto por outras nações como o maior aliado do vírus que fustiga o todo o planeta nesta quadra histórica.

É inviável tentar prever os custos políticos do negacionismo para o presidente brasileiro em um futuro próximo, no entanto, a história demonstra que líderes que massacram seus povos mediante suas ações ou omissões acabam sempre pagando caro por suas escolhas equivocadas. Com base nos dados produzidos pela pesquisa e na realidade da pandemia no Brasil, o que podemos afirmar concretamente é que a negligência e a irresponsabilidade do governo Bolsonaro no trato da pandemia, posturas lastreadas pelas narrativas negacionistas que têm, na verdade, finalidades politiqueras, contribuíram sobremaneira para a morte de milhares de brasileiros e seguem colocando a saúde e a vida de outros milhões em risco. Visivelmente, o

²⁴ Cf. Direita global vê conspiração em pandemia do coronavírus. Reportagem da Folha de S. Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/direita-global-ve-conspiracao-em-pandemia-do-coronavirus.shtml>>; Acesso em 10.02.2021.

“Mito” optou não por “fazer viver”, característico da biopolítica apresentada pela analítica foucaultiana, mas por deixar e até fazer morrer, através do racismo de Estado. No entanto, se considerarmos que o presidente Bolsonaro tem não apenas fomentado, mas participado recorrentemente de diversas manifestações de rua em meio a uma quarentena com proporções globais, poderíamos sugerir sua conduta não apenas como genocida, mas também como um Estado suicidário (Virilio, 1993).

Em tempo, nunca é demais lembrar que, enquanto o presidente segue minimizando a gravidade da Covid-19 e debochando dos doentes e dos mortos²⁵, e as perigosas narrativas negacionistas continuam sendo propagadas pelas redes sociais e grupos de *WhatsApp*, milhares de pessoas estão tendo suas vidas ceifadas pela doença em hospitais superlotados de todo o país.

Referências

ADORNO, Theodor. Antissemitismo e propaganda fascista. In: ADORNO, Theodor. *Ensaio sobre a psicologia social e psicanálise*. Tradução de Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

ADORNO, Theodor. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. Traduzido por Virgínia Helena Ferreira da Costa, Francisco Lopes Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

AGAMBEN, Giorgio. *Reflexões sobre a peste*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2020.

CARVALHO, Olavo de. *O jardim das aflições*. De Epicuro à ressurreição de César: Ensaio sobre o materialismo e a Religião Civil. Campinas: Vide Editorial, 2015.

CARVALHO, Olavo de. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018.

CARVALHO, Heloisa de; BUGALHO, Henry. *Meu pai, o guru do presidente*. Curitiba: Koter Editorial, 2020.

CASSINO, João Francisco. Modulação deleuzeana: Modulação algorítmica e manipulação midiática. In: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. *A sociedade do controle*. Manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo: Hedra, 2018.

²⁵ Cf. Brasil tem de deixar de ser 'país de maricas' e enfrentar pandemia 'de peito aberto', diz Bolsonaro. Reportagem do G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/10/bolsonaro-diz-que-brasil-tem-de-deixar-de-ser-pais-de-maricas-e-enfrentar-pandemia-de-peito-aberto.ghtml>>; Último acesso em 12/12/2020.

DA EMPOLI, Giuliano. *Os Engenheiros do Caos: Como as fake News, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio e influenciar eleições*. São Paulo: Ed. Vestígio, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*. Vol. 3. São Paulo: Ed. 32, 2012.

DONEDA, Danilo; ALMEIDA, Virgílio A. F. O que é governança de algoritmos? In BRUNO, Fernanda; CARDOSO, Bruno; KANASHIRO, Marta; GUILHON, Luciana; MELGAÇO, Lucas. *Tecnopolíticas da vigilância: Perspectiva da margem*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2018.

DUNKER, Christian I. L. Psicologia das massas digitais e análise do sujeito democrático. In ABRANCHES, Sérgio; ALMEIDA, Ronaldo de; ALONSO, Angela et ali. *Democracia em risco?* São Paulo: Ed. Companhia das letras, 2019.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2010.

FRASER, Nancy. *O velho está morrendo e o novo não pode nascer*. São Paulo: Autonomia literária, 2021.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.

KAKUTANI, Michiko. *A morte da verdade: Notas sobre a mentira na Era Trump*. Rio de Janeiro: Ed. Intrínseca, 2018.

LAZZARATO, Maurizio. *Fascismo ou revolução? O neoliberalismo em chave estratégica*. São Paulo: Ed. N-1, 2019.

LE MOS, Clécio. *Foucault e a justiça pós-penal*. Belo Horizonte: Ed. Letramento, 2019.

LÓPEZ, Ian H. *Dog Whistle Politics: How coded racial appeal have reinvented racism and wrecked the middle class*. Oxford, Oxford University Press, 2015.

MACHADO, Débora. A modulação de comportamento nas plataformas de mídias sociais. In SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. *A sociedade de controle: Manipulação e modulação nas redes digitais*. São Paulo: Ed. Hedra, 2018.

MELLO, Patrícia Campos. *A máquina do ódio. Notas de uma repórter sobre fakenews e violência digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2009.

OLIVEIRA, Rodrigo P. O negacionismo científico olavista: A radicalização de um certo regime epistemológico. In KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdei. *Do fake ao fato: (Des)atualizando Bolsonaro*. Vitória: Ed. Milfontes, 2020.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. *Amanhã vai ser maior: O que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual*. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2019.

ROSA, Pablo O. Governamentalidade Algorítmica: Ponderações sobre os seus efeitos ciberpolíticos. In ROSA, Pablo O. *Fascismo tropical: Uma cibercartografia das novíssimas direitas brasileiras*. Vitória: Ed. Milfontes, 2019.

ROSSITER, Lyle. *A mente esquerdista: Causas psicológicas da loucura política*. Campinas: Vide Editorial, 2016.

ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o díspar como condição de individuação pela relação? *Revista Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. 18, n 2, p. 36-56. 2015.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. In SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. *A sociedade de controle: Manipulação e modulação nas redes digitais*. São Paulo: Ed. Hedra, 2018.

UJVARI, Stefan C. *Pandemias: A humanidade em risco*. São Paulo: Ed. Contexto, 2011.

USTRA, Carlos Alberto Brilhante. *A verdade sufocada: A história que a esquerda não quer que o Brasil conheça*. Brasília: Ed. Ser, 2018.

VIRILIO, Paul. *La inseguridad del territorio*. Buenos Aires: La Marca, 1993

Recebido em: 20/01/2022.

Aprovado em: 27/08/2022.

Publicado em: 31/08/2022.